

Arqueologia & História

Volume nº 56 | 57 - 2004 | 2005

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



Vale do Côa 10 ANOS



Uma Original Árvore de Jessé

J. Ramos Baptista

Mestre em História da Arte



Antes de abordar o caso particular de uma árvore, que poderemos chamar de Jessé se atendermos apenas à sua organização, será talvez interessante recordar ainda que resumidamente, o historial desta representação da genealogia de Cristo e de sua Mãe.

A Árvore de Jessé, teve no ocidente o seu impulso inicial no vitral encomendado em 1144 pelo abade Suger, para uma capela da igreja abacial de Saint-Denis, o que de modo algum significa que tenha sido ele o seu criador, já que a imagem da árvore como matriz genealógica apareceu inicialmente no Oriente.

Comunicação apresentada à Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 17 de Fevereiro de 2004

A representação arbórea da genealogia não é mero produto de casual inspiração de um artista, uma vez que encontra no imaginário um sólido suporte. Em contínua regeneração, a árvore é o Cosmos vivo, cujos três níveis interliga: o subterrâneo pelas suas raízes, a superfície da Terra pelo tronco, e as alturas pelos seus ramos.

Todos os elementos nela estão reunidos, a água presente na seiva, a terra a que se liga intimamente pela raiz, o ar que a alimenta através das folhas e o fogo que a fricção da sua madeira é capaz de gerar. Com as raízes profundamente enterradas no solo, prolongando-se no tronco e nas ramagens em ascensão, a árvore facilmente se tornou na expressão iconográfica de uma ligação entre o céu e a terra, entre o profano e o sagrado.

Pela sucessão dos seus ciclos naturais, é igualmente a viva, e em cada ano repetida, evocação da ressurreição

Na linha da tradição medieval de utilização da iconografia religiosa com objectivos pedagógicos, não será pois de estranhar que o abade Suger tenha recorrido a esta simbologia na igreja abacial de Saint-Denis. Contudo no Oriente, a árvore tinha sido já anteriormente utilizada de forma semelhante. Na Índia, na Birmânia e no Camboja são comuns as representações de Brama sentado sobre um lótus nascido do ventre de Visnu.

Nada demonstra entretanto, que a arte oriental tenha influenciado neste aspecto a iconografia europeia.

No Ocidente, a primeira representação da árvore de Jessé de que há conhecimento, encontra-se no Codex Aureus de Lorch datado do século IX e apresenta a genealogia de Jesus segundo o Evangelho de Mateus. Será interessante referir que as genealogias registadas por este último e por Lucas diferem profundamente quanto ao número de gerações. A bem da simplificação, os artistas tomaram geralmente como base a genealogia do Evangelho de Mateus no capítulo I, versículos 1 a 17, bastante mais reduzida. Ainda em finais do século XI, a Árvore de Jessé surge novamente em iluminuras do Evangelho de Uyslerod em Praga, no Antifonário da Colegiada de S. Pedro em Salzburgo, e nos manuscritos de Treveris e de Aschaffenburg; cronologicamente próxima, encontra-se no Vaticano a Bíblia de Manfredo.

Nesta última, e contra o que é habitual, a genealogia adoptada foi a de Lucas, muito mais extensa, e progredindo inversamente até Adão.

No primeiro quartel do século XII são conhecidas as iluminuras representando a Árvore de Jessé na

Bíblia de Saint Begnine de Dijon e no legendário francês de Cister.

Data da segunda metade do século XII o famoso vitral de Saint-Denis, muito provavelmente obra de oficina borgonhesa. Suporta esta afirmação o facto de existirem similitudes notáveis entre as árvores de Jessé dos manuscritos iluminados da Abadia de Cister, em Dijon, e o vitral de Saint Denis. Não tendo sido como vimos a primeira representação deste tipo, teve contudo o mérito de divulgar a Árvore de Jessé e de lhe dar a sua forma definitiva, muito divulgada por toda a Europa, não apenas na Idade Média, como veremos, já que o seu uso se prolongou até ao século XVIII.

Logo no ano seguinte, em 1145, surge uma cópia fiel no vitral de Chartres. E de tal forma fiel, que ainda hoje é preferível ao vitral de Saint-Denis como objecto de investigação, pelo facto deste último em consequência de vários restauros apresentar alterações que o desviam significativamente do que terá sido o seu original. Dos vinte e um painéis que formam o vitral, apenas cinco pertencem à composição original: um profeta, o segundo e terceiro reis, a Virgem e Cristo.

A Árvore de Jessé expandiu-se rapidamente. A Saint-Denis e Chartres seguiu-se York na segunda metade do século XII, a escultura de Benedetto Antelami no baptistério de Parma em finais do mesmo século, e o fresco de S. Miguel de Hildesheim em 1200, para apenas referir alguns casos.

O imaginário da Árvore de Jessé encontra os seus fundamentos na profecia de Isaías: *brotará uma vara do tronco de Jessé, e um rebento brotará das suas raízes* (Is 11, 1).

Sob o ponto de vista iconográfico, este tema reflecte os chamados dramas litúrgicos, tradição iniciada em finais do século X com o Drama da Ressurreição e na sequência do qual, entre outros, surgiu o Drama dos Profetas representado nas Matinas de Natal e que terá sido, na opinião de Émile Mâle, a fonte iconográfica da Árvore de Jessé. No decorrer desta representação, um grupo de profetas desfilava na igreja recitando passagens das suas profecias, sendo que no caso de Isaías a citação proferida correspondia ao versículo já aqui citado. Em Saint-Denis e Chartres, os profetas representados nos vitrais são precisamente os mesmos que intervinham no drama litúrgico.

Na sua organização, as Árvores de Jessé não diferem muito do original de Saint-Denis. Na base Jessé, pai de David; do seu flanco, do umbigo, da boca ou da cabeça, brota o tronco de onde crescem os ramos nos

quais surgem os doze antepassados carnaís de Cristo, os reis, e espirituais, os profetas, podendo o número de figuras variar em cada caso de acordo com o espaço disponível; no topo da árvore, Jesus Cristo por vezes acompanhado de sete pombas, os sete dons espirituais do Espírito Santo.

Tal composição vai manter-se estável durante longo tempo; o Psaltério de Branca de Castela, cerca de cinquenta anos mais tarde, continua a ser uma cópia fiel do vitral de Saint-Denis, tal como passado um século, persiste nos vitrais da Sainte Chapelle, de Beauvais e Angers.

A partir de finais do século XIII, o culto mariano particularmente estimulado pelas Ordens Religiosas, dissemina amplamente as representações da Árvore de Jessé introduzindo contudo uma alteração relativamente à concepção inicial de Suger. O topo da árvore passa a ser dominado pela representação da Virgem em vez de Cristo, embora este esteja presente na maioria das situações, sob a forma do Menino ao colo de Maria.

Nalgumas situações, muito provavelmente relacionadas com o culto dominante, é notório o protagonismo da figura de Maria: o vitral de Santa Maria de Beauvais apresenta uma Árvore de Jessé rematada por um grande lírio branco de onde emerge a figura da Virgem.

No início do século XVI a devoção mariana, levou à proliferação de inúmeros vitrais representando a Árvore de Jessé, em pequenas igrejas rurais da região de Champagne. No mesmo período, idêntica iconografia é frequente nos missais, particularmente no ofício da Imaculada Conceição.

Marcando de forma ainda mais incisiva a influência devocional à Virgem, casos existem em que a figura de Jessé foi substituída por Santa Ana, como sucede na igreja de S.Vicente em Rouen. Do tronco saem vários ramos nos quais está representada a sua descendência, três filhas e sete netos, estando colocados em posição de destaque a Virgem e o Menino

O tema da representação arbórea da genealogia de Cristo, foi particularmente trabalhado não apenas no vitral, mas igualmente na iluminura, na escultura, na talha e até na cerâmica.

A popularidade que a Árvore de Jessé encontrou por toda a Europa foi naturalmente extensiva a Portugal. A primeira representação deste tipo terá estado no janelão da Igreja de Santa Maria de Guimarães mandada restaurar por D.João I em 1387 e sagrada em 1401. Esta hipótese não reúne contudo o consenso dos historiados

res. Se para João Barreira, a estátua do pai de David na base do janelão suporta a tese da existência de uma Árvore de Jessé naquele local, outro tanto não entende Luís Filipe Aviz de Brito para quem semelhante grupo escultórico prejudicaria a iluminação natural do templo.

Para além da existência da estátua jacente de Jessé, a ideia de uma árvore muito provavelmente em vitral não será surpreendente se nos recordarmos que à época do restauro da igreja era significativa a influência artística da Inglaterra, país onde a tal representação tinha sido largamente adoptada em várias situações como York, Lincoln ou Canterbury. Assim, o restauro joanino terá eliminado uma muito provável rosácea original de influência francesa, substituindo-a pela Árvore de Jessé, dominada pela figura da Virgem como à data já era prática corrente e em consonância com a dedicação do templo.

A inconveniente obstrução da luz natural provocada por um grupo escultórico terá sido facilmente ultrapassada pela aplicação de um vitral como defendem Albano Bellino e António de Azevedo.

Esse vitral terá sido removido no início do século XVI e com ele a estátua de Jessé, quando da construção do coro alto. Já no século XIX a grande janela foi definitivamente fechada, tendo-lhe sido abertos quatro óculos para entrada de luz posteriormente também entaipados, deixando o janelão completamente obstruído como hoje se mantém.

Embora na Europa este tema tenha vindo a ser progressivamente abandonado particularmente a partir do Renascimento, em Portugal subsistiu até ao século XVIII. Para além de uma iluminura no Livro de Horas de D.Manuel, no século XVII foi criada a Árvore de Jessé da Sé de Lamego, trabalho do entalhador Arnão de Carvalho.

Cerca de 1686, Manuel João da Fonseca foi o autor de uma árvore de Jessé para a Capela de Nossa Senhora do Rosário da Igreja de Santa Maria em Beja.

No início do século XVIII, em 1704, ficou a dever-se a Manuel Pinto de Vilalobos a peça destinada à Igreja Matriz de Caminha, e no Alentejo surgiu uma nova representação, no transepto da Igreja do Convento de S.Francisco em Estremoz.

Entre 1718 e 1721, Filipe da Silva e António Gomes criaram idêntico retábulo para a Igreja de S.Francisco no Porto.

Recordado o historial da Árvore de Jessé, passemos ao nosso caso objectivo.

Vamos encontrá-lo em Braga, na Igreja de Santiago,

antiga Igreja do Colégio de S. Paulo, fundado pela Arcebispo D. Diogo de Sousa e reconstruído entre 1567 e 1590 por D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que o entregou à Companhia de Jesus.

Dispõe esta igreja não de uma, mas de duas árvores. Uma delas localizada numa capela do lado do Evangelho, corresponde ao tipo convencional, nada trazendo de novo.

Na base, Jessé e distribuídos pelos ramos os reis de Judá. Como figura central a Virgem inserida numa mandorla formada pelos ramos da árvore. A figura do Menino, está presente no topo do retábulo ladeada por dois anjos.

Até aqui nada de original. É na segunda árvore, instalada numa capela do lado da Epístola que vamos encontrar uma peça tanto quanto sabemos única, e que constitui uma curiosa expressão do imaginário local.

Este segundo retábulo refere-se às nove virgens mártires de Braga, e da sua história nos dá conta o arcebispo D. Rodrigo da Cunha na sua *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*.

A Celsia, mulher do cônsul romano Lúcio Caio Atílio nasceram nove gêmeas.

Vendo nesse extraordinário acontecimento uma manifestação negativa da natureza, mandou que a sua serva Silla as afogasse e enterrasse em lugar onde não pudessem ser encontradas. Condoída da sorte das crianças, Silla que já se convertera ao cristianismo, recorreu ao bispo Ovídio que baptizou as gêmeas e as entregou a elas, tendo assumido a sua educação.

No decorrer da perseguição aos cristãos foram as jovens aprisionadas e trazidas a Tui onde se encontrava então Caio Atílio. Interpeladas sobre a sua identidade e sobre a sua religião, declararam-se filhas do cônsul e cristãs. Condenadas à morte, conseguiram fugir, vindo contudo mais tarde a ser martirizadas.

É a esta lenda que a árvore se refere, sendo o lugar onde habitualmente se encontra Jessé, ocupado pelo bispo Ovídio e os ramos pelas nove gêmeas.

A atribuição dos dois retábulos é desconhecida, sabendo-se contudo que datam do século XVIII.

No caso da árvore, que pela sua iconografia poderemos designar como sendo de Santo Ovídio, pela sua estreita ligação ao imaginário bracarense, e considerando a existência na região de uma tradicional produção de arte religiosa, não será improvável tratar-se de obra atribuível a artista local.

Igual razão nos assiste ao pensarmos tratar-se este retábulo de uma peça única na sua composição.

Bibliografia

Prache, Anne
Les Vitraux du XII^e siècle
In *Dossiers d' Archéologie*, nº 251
Dijon, Éditions Faton, 2001

Baltrusaitis, Jurgis
Le Moyen Âge Fantastique
Paris, Flammarion, 2^a edição, 1993

Baptista, J. Ramos
A Árvore de Jessé na Iconografia Genealógica
in Tabardo, nº2
Lisboa, Centro de Estudos Genealógicos e Heráldicos da Universidade Lusíada, 2003

(de) Brito, Luis Filipe Aviz
A Imagem da Padroeira da Colegiada e de Portugal Representada na Frontaria do Templo
In *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Vol. IV
Guimarães, 1981

Duchet- Suchaux, Gaston e Pastoreau, Michel
La Bible et les Saints
Paris, Flammarion, 2^a edição, 1994

Lino, António
A Arte na Idade Média
In *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Vol. IV
Guimarães, 1981

Mâle, Émile
L'Art Religieux du XII^e e. Siècle en France
Paris, Armand Colin, 8^a edição, 1998

Mâle, Émile
L'Art religieux de la Fin du Moyen Âge en France
Paris, Armand Colin, 7^a edição, 1995



Associação dos Arqueólogos Portugueses

